

«EIS O MEU CÉU...  
EIS O MEU DESTINO:  
VIVER DE AMOR!!!»

Retiro online Quaresma 2025 - Teresa de Lisieux e o Mistério Pascal

## Evangelho de Jesus Cristo segundo São João (Jo 20,1-9)

No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi de manhã cedo, ainda escuro, ao sepulcro e viu que a pedra tinha sido retirada do sepulcro. Foi a correr ter com Simão Pedro e com o outro discípulo, aquele que Jesus amava, e disse-lhes: «Tiraram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde o puseram». Então Pedro e o outro discípulo saíram e foram ao sepulcro. Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro. Debruçando-se, viu as ligaduras de linho caídas no chão, mas não entrou. Entretanto, chegou também Simão Pedro, que o seguia; entrou no sepulcro e viu as ligaduras de linho caídas e o sudário, que estivera sobre a cabeça de Jesus, não caído no chão com as ligaduras de linho mas enrolado num lugar à parte. Entrou, então, também o outro discípulo, o que tinha chegado primeiro ao sepulcro; viu e acreditou. De facto, ainda não tinham compreendido a Escritura, segundo a qual Jesus havia de ressuscitar dos mortos.

## Morrer de amor, viver de amor

«Cristo ressuscitou, destruindo a morte com a própria morte, e deu-nos a vida, para que, tornados filhos no Filho, exclamemos no Espírito: Abba, Pai!» (Vaticano II - Gaudium et Spes, 22)

Estamos na alegria e na paz da Páscoa.

Alegria e paz que nos dão a leitura dos textos do domingo da Ressurreição, o mistério de Jesus pregado na Cruz e ressuscitado, mistério que celebramos no Tríduo Pascal, desde Sexta-feira Santa até ao Domingo de Páscoa

Os apóstolos viram, de longe ou de perto, Jesus morrer na Cruz. Para eles, Jesus estava mesmo morto, e daí o seu desânimo, a sua consternação, aos quais se juntava o sentimento de culpabilidade devido à sua cobardia no momento em que Jesus fora detido.

De manhã muito cedo, numa Jerusalém ainda adormecida, Maria Madalena foi ao Sepulcro, não com um objetivo utilitário, visto que a unção tinha sido feita na véspera do Sabbat. **Foi simplesmente num movimento de ternura e de piedade, testemunhar a sua afetividade para com Jesus.**

Bibliografia: François GIRARD, Véronique GROLLIER, Je vis d'amour. Lecture littéraire et théologique du poème de Thérèse de Lisieux, Parole et Silence, 2017; Jean LEVEQUE, La sève et le sarment. Méditations sur l'évangile de Jean, Editions du Carmel, 2021; Alain MARCHADOUR, L'évangile de Jean, Centurion, 1992; Les mots de Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus. Concordance, cerf, 1996; TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, Obras Completas, Edições Carmelo, 1996.



Encontra a pedra do Sepulcro tirada e não sabemos se ela ousou entrar para ver; o que compreendemos é que ela tem medo que o corpo de Jesus tenha sido roubado! Imediatamente, ela corre para prevenir os apóstolos, acordar Pedro e o discípulo que Jesus amava. Eles, por sua vez, correm para o Sepulcro. Por que razão correriam assim, a não ser que já pressentissem que se passava alguma coisa que não era normal. Não correm à mesma velocidade: Pedro chega em segundo lugar, mas o outro discípulo, que chegara primeiro, como que se detém, inclina-se para o interior do túmulo mas não entra, respeitoso das prevalências, espera que Pedro chegue e entre em primeiro lugar. Pedro torna a sair, perturbado, inquieto. Só então entra o discípulo que Jesus amava.

«*Viu e acreditou*», diz o Evangelho. Que viu ele? Viu as mesmas coisas que Pedro: os panos de linhos caídos no chão e o sudário da cabeça enrolado à parte. O texto diz simplesmente: «Viu e acreditou». Dois verbos cuja associação é paradoxal. Quando cremos, compreendemos, sabemos, realizamos. Aqui, o discípulo vê e acredita, uma associação que não é habitual mas as circunstâncias também não o são, de forma nenhuma. O túmulo vazio! Que mistério!

O discípulo que Jesus amava é o primeiro discípulo a ver e crer, a sua experiência é única, diferente da de Maria Madalena, nessa manhã, e da de todos os apóstolos (com exceção de Tomé) na noite de Páscoa. Todos eles verão com os seus olhos Jesus vivo! João, no túmulo vazio, só com os linhos, viu os sinais de uma presença invisível e uma forte e doce convicção nasceu nele: «*Ele está vivo!*» É a expressão da fé viva. *Ele viu com os olhos da fé que Jesus estava vivo!*

Não é isto que nos é pedido a nós, os crentes de hoje? Não somos nós agora convidados a entrar nesta experiência espiritual do discípulo que Jesus amava? Jesus está vivo, tal como tinha anunciado! Está vivo para sempre! O amor de Deus venceu a morte. Para o discípulo que Jesus amava - com o qual nos podemos identificar - não é tudo tão belo? Não se renovam aqui todas as coisas? *Que alegria saber que Jesus está vivo, que Ele é a vida!* Não sentimos a necessidade de o dizer ao mundo inteiro? Esta alegria do discípulo que Jesus amava, é-nos oferecida: podemos senti-la pessoalmente!

Teresa, na sua vida, não ignorou este apelo à alegria de acreditar e de amar! Ela escreve-o e canta-o: «Eis o meu Céu... Eis o meu destino:/ Viver de Amor!!!» (P 17,15)

Dando-lhe o título de Doutora da Igreja, em 19 de outubro de 1997, S. João Paulo II reconheceu a eminente doutrina de Teresa de Lisieux. Na Carta Apostólica *Divini Amoris Scientia* da proclamação do Doutoramento, menciona o conjunto dos escritos da Santa de Lisieux que justifica a atribuição deste título, fazendo dela uma mestra de vida espiritual. Entre os seus escritos, figuram estas 54 Poesias das quais duas têm uma grande densidade teológica e espiritual, «Viver de Amor!» (P 17) e «Por que te amo, ó Maria!» (P 54).

«*Viver de Amor!*», uma das mais conhecidas de Teresa - muitos artistas a cantaram e ainda a cantam - tem quinze estrofes, sendo que a primeira e a última falam em particular deste dia de Páscoa:

1      *Na tarde de Amor, falando sem parábola*  
*Jesus dizia: «Se alguém quiser amar-Me*  
*Por toda a sua vida, guarde a minha Palavra*  
*«O meu Pai e Eu iremos visitá-lo.*  
*«E do seu coração fazendo a nossa morada*



«Unido a ele, amá-lo-emos sempre!...  
«Cheio de paz, queremos que ele permaneça  
«No nosso Amor!...»

15 *Morrer de Amor, eis a minha esperança  
Quando vir quebrarem-se os meus laços  
O meu Deus será a minha Grande Recompensa  
Não anseio possuir outros bens.  
Quero ser abrasada pelo seu Amor  
Quero vê-l'O, unir-me a Ele para sempre  
Eis o meu Céu... eis o meu destino:  
Viver de Amor!!!...*

Esta poesia foi composta em fevereiro de 1895, o mesmo ano da redação do Manuscrito A e do Ato de Oferecimento ao Amor Misericordioso. Portanto, nesta altura, Teresinha chega ao cume da maturidade humana e espiritual, no oitavo ano da sua vida no Carmelo. O Manuscrito C, que ela redige três anos antes da morte, em junho de 1897, com imensas dificuldades devido à doença, contém as suas experiências no Carmelo, as suas descobertas espirituais, as suas reflexões sobre a caridade fraterna, a oração, o pequeno caminho, os ensinamentos às noviças, um conjunto reconhecido pela Igreja como uma doutrina eminente.

No último folio do Manuscrito C (36rº), ela escreve:

*«Eis a minha oração, caríssima Madre. Peço a Jesus que me atraia para as chamas do seu amor, que me una tão estreitamente a ele, que viva e atue em mim. Estou certa de que, quanto mais o fogo do amor abrasar o meu Coração, tanto mais eu direi: «Atraí-me»; e mais as almas que se aproximarem de mim (pobre pedacito de ferro inútil, se me afastasse do braseiro divino) correrão com ligeireza ao odor dos perfumes do seu Bem Amado, pois uma alma abrasada de amor, não pode ficar inativa. Sem dúvida, como Santa Madalena, ela permanece aos pés de Jesus, escuta a sua palavra doce e inflamada».*

Correr velozmente, como Madalena, como Pedro e como o discípulo que Jesus amava na manhã da Páscoa! Correr em direção à Felicidade, em direção à Alegria, tal como Teresa, e tal como todos os que quiserem entrar nesta corrida!

**Tal é a dinâmica da vida que nos dá a Fé no Ressuscitado!**

**Feliz Páscoa!**

